

ENSINO DE LITERATURA OU PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA? CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA BNCC

TEACHING LITERATURE OR LITERATURE PRACTICE IN BASIC EDUCATION? CONSIDERATIONS FROM THE BNCC

Helton Marques¹

Resumo: A literatura representa fonte de inspiração para aulas de diversas disciplinas, como, por exemplo, História, Filosofia, Sociologia, dentre outras. Esse potencial da arte literária revela seu alcance além da área em que está inserida na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), ou seja, “Linguagens e suas Tecnologias”, uma vez que a literatura proporciona boas práticas de interdisciplinaridade em sala de aula. Tendo isso em vista, o principal objetivo deste artigo é analisar a proposta de ensino de literatura na BNCC, com base em pesquisa bibliográfica atualizada. Para tanto, serão consideradas para esta análise reflexões de alguns dos principais estudiosos da área, dentre os quais se destacam, por exemplo, Regina Zilberman, que busca definir a importância de *O papel da literatura na escola*; e Rildo Cosson, com sua proposta de ensino de literatura na perspectiva do *Letramento Literário*.

Palavras-chave: Literatura. Letramento literário. BNCC.

Abstract: Literature represents a source of inspiration for different classes, such as History, Philosophy, Sociology, among others. This potential of literary art reveals its reach beyond the area in which it is inserted in the BNCC (Base Nacional Comum Curricular), that is, “Linguagens e suas Tecnologias”, since literature provides good interdisciplinarity practices in the classroom. With this in mind, the main objective of this article is to analyze the proposal for teaching literature at BNCC, based on updated bibliographical research. Therefore, reflections from some of the main scholars in the field will be considered for this analysis, among which, for example, Regina Zilberman stands out, who seeks to define the importance of *O papel da literatura na escola*; and

¹ Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Email: h.marques2706@gmail.com.

Rildo Cosson, with his proposal for teaching literature from the perspective of *Letramento Literário*.

Keywords: Literature. Literary literacy. BNCC.

Introdução

Resultado de muito trabalho e simultaneamente fonte de contentamento e descontentamento, em geral por parte de professores e pensadores da área da Educação em relação a vários aspectos, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, publicada no final do ano de 2017, apresenta novos parâmetros para a Educação brasileira.

Seu esforço para adequar o ensino às demandas de uma sociedade cada vez mais fragmentada e conectada à internet é visível. Como alternativa metodológica, a BNCC tem como proposta um ensino mais descentralizado, que utilize recursos tecnológicos digitais para a promoção de (multi)letramentos, a fim de aproximar o ambiente escolar da sociedade contemporânea, cada vez mais dinâmica, interativa e fluida.

Nesse contexto, o ensino de literatura, especificamente, tem sido o foco de reflexão de vários pensadores, cada qual contribuindo com suas perspectivas críticas e propostas de ensino voltadas para uma formação mais abrangente dos estudantes a partir da leitura e fruição de textos literários em ambiente escolar.

Assim, pensadores como Regina Zilberman, Leyla Perrone-Moisés e Rildo Cosson, dentre outros estudiosos mais contemporâneos da área, compõem o principal embasamento teórico para uma pesquisa bibliográfica voltada para as problematizações do ensino de literatura, levando em consideração as transformações sociais das últimas décadas.

De modo geral, ensinar literatura é sempre um desafio, pois se trata de uma expressão artística que se constitui por meio da palavra e que representa o homem, com seus mais profundos enigmas e dilemas existenciais. Assim, literatura é linguagem repleta de sentidos e possibilidades de (auto)conhecimento.

Quando inserida em contexto escolar, a arte literária transforma-se inevitavelmente em objeto de ensino e aprendizagem, sendo, então, necessário tempo e espaço para seu estudo. No entanto, o que se percebe na BNCC é a ausência de um espaço definido e de uma metodologia específica para o ensino de literatura, uma vez que, nesse documento, ela aparece vinculada ao ensino de Língua Portuguesa, disciplina que, por sua vez, integra a área de “Linguagens e suas Tecnologias”.

É importante destacar que essa área de conhecimento contempla especificamente as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Educação Física. Como é possível observar, portanto, a literatura não constitui um componente curricular da área em que se insere. Na verdade, ela é considerada na BNCC uma

linguagem artisticamente organizada, [...] [que] enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/ vivenciando (Brasil, 2018, p. 491).

Reflexões muito semelhantes a essas podem ser encontradas no livro *A formação do leitor* (1993), de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar, que destacam o papel imprescindível da leitura literária para uma formação humana mais abrangente. Segundo as autoras,

[...] a linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens de tempos e lugares diversos. (Bordini e Aguiar, 1993, p. 14, grifo nosso).

Com base nessas considerações, percebemos a grande importância da literatura para a construção da identidade a partir do encontro com a alteridade, ou seja, com “outros homens de tempos e lugares diversos”. Nessa perspectiva, a literatura torna-se um ponto de encontro entre o eu e o outro, possibilitando um exercício muito específico da leitura literária, que se refere à leitura por fruição que provoca a imaginação e proporciona conhecimento de maneira diferente dos textos de outra natureza.

Sobre esse fato, no capítulo “Arte é conhecimento”, do livro *Reflexões sobre a arte* (1995), Alfredo Bosi desenvolve algumas reflexões, levando em consideração o caráter mimético da obra artística, ou seja, sua especificidade de representar, como o próprio autor afirma, “[...] o que se convencionou chamar ‘realidade’ (natural, psíquica, histórica)” (Bosi, 1995, p. 27).

Logo no início de suas considerações, Bosi destaca a ideia de conhecimento presente na raiz do termo alemão para arte (*kunst*) e formula uma reflexão importante sobre o modo como a manifestação artística constitui uma forma peculiar de conhecimento. Segundo o autor, uma das mais antigas tradições teóricas filia esse conhecimento específico da arte ao conceito de *mimesis*, isto é, imitação ou representação da realidade.

Embora seja entendida como forma de conhecimento e de representação da realidade por meio de uma “[...] linguagem artisticamente organizada [...]” (Brasil, 2018, p. 491), a literatura aparece descentralizada na BNCC, isto é, sem um “lugar” definido. Paradoxalmente, o próprio documento reconhece sua relevância para a construção de

conhecimentos diversos e para uma formação humana mais abrangente, como mostra o seguinte excerto:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. Essa tradição, em geral, é constituída por textos clássicos, que se perfilaram como canônicos – obras que, em sua trajetória até a recepção contemporânea, mantiveram-se reiteradamente legitimadas como elemento expressivo de suas épocas (Brasil, 2018, p. 513, grifos nossos).

Dentre as diversas funções da literatura em nossas vidas, a BNCC destaca principalmente sua importância devido à função educativa que desempenha a partir do que denomina “tradição literária”, sem, contudo, oferecer um referencial teórico-metodológico estratégico para o trabalho com a literatura em sala de aula “de um modo mais sistematizado”, como propõe no trecho acima.

Na verdade, inserir a literatura em contexto escolar desvinculada da noção de disciplina (ou componente curricular), sem um “objeto” de estudo bem definido e sem uma proposta clara de trabalho com o texto literário, orientada por algum embasamento teórico-metodológico, vai na contramão da proposta “de um modo mais sistematizado” de trabalho com a literatura em sala de aula.

Por um lado, a escolarização da literatura pode até ser compreendida como um modo de garantir seu espaço no currículo escolar, o qual ultimamente tem passado por várias mudanças. Mas, por outro lado, como afirma Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 70), “Numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado, a disciplina literária sofreu um rebaixamento.”

De fato, se pensarmos na concorrência que a literatura tem enfrentado nos últimos anos com o desenvolvimento das novas tecnologias digitais de informação, de comunicação e de entretenimento, a literatura vem deixando de chamar a atenção principalmente do público leitor mais jovem, que se interessa cada vez mais pela velocidade e pelo imediatismo proporcionados pelos meios de comunicação digitais.

Nesse sentido, o pensador francês Antoine Compagnon reflete sobre a literatura no atual contexto da era das informações digitais, quando a “[...] aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros.” (Compagnon, 2009, p. 21). Nesse contexto de fluxo contínuo e ininterrupto de informações, a literatura parece perder espaço, pois estar em um mundo em que a ciência, a técnica e a dinâmica de interação social por meio das redes virtuais aumentam a cada dia, enquanto o espaço para o literário diminui cada vez mais, é o que provoca reflexões sobre qual seria a função da literatura nos dias de hoje.

Todavia, se pensarmos na necessidade de consumir ficção que esse mesmo público demonstra ao “maratonar” séries e sequências de filmes, muitas das quais são baseadas em livros literários, concluímos que a literatura não morreu, como alguns pensadores já afirmaram ao longo do século XX. Na verdade, a poesia, em sentido mais amplo, e as narrativas literárias ganharam novos ambientes de circulação, como a internet, por exemplo.

Ao refletir sobre esses e outros pontos acerca da literatura, Regina Zilberman, em *O papel da literatura na escola*, apresenta a seguinte questão:

Onde então situar a materialidade da literatura, localizada, supõe-se, em algum lugar, já que nos atinge tanto? A resposta a essa questão talvez seja tão imprecisa quanto o objeto a que ela se refere: tudo começa na fantasia, cuja existência pode ser confirmada de modo empírico, já que diariamente experimentamos seus efeitos, mas cujo cerne não tem substância, nem forma. O que é a fantasia? Eis um tema negligenciado, quando a fantasia é considerada uma forma de alheamento do universo imediato experimentado e conhecido pelos seres humanos; ou mesmo

rejeitado, por ser a fantasia julgada improdutiva pela sociedade capitalista, que não tolera uma atividade não rendosa e sem aplicação (Zilberman, 2008, p. 19).

Em um contexto marcado cada vez mais pelos imperativos do sistema capitalista, a leitura literária, sendo uma atividade que demanda tempo e entrega total ao texto por parte do leitor, o público principalmente mais jovem tem preferido consumir fantasia de outras formas em vez de ler um texto literário. É nesse momento que a escola deve valorizar mais o ensino de literatura, associando-o ao “prazer do texto”, para lembrar o título de um célebre livro de Roland Barthes.

Nesse sentido, Zilberman afirma que,

O exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. A escola dificilmente o promoveu, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática. Hoje, quando o ensino está em crise, apresenta-se como necessidade prioritária, pois faculta avizinhar-se a um objeto tornado estranho no meio escolar (*Idem*, p. 18).

Realmente, em contexto escolar a literatura muitas vezes é apresentada somente como ponto de partida para a realização de atividades de interpretação de texto ou, pior ainda, para o ensino de tópicos gramaticais, o que coloca a experiência da leitura literária em segundo plano. Essa leitura por prazer, por fruição artística, deveria ser incentivada nas escolas para despertar o gosto pelo ato de ler, que é ação, imersão, reflexão e entrega ao texto literário. Em outras palavras, a leitura, como afirma Zilberman,

[...] acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. O resultado é a fruição da obra, sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado

ao imaginário do leitor, que assim navega em outras águas, diversas das familiares a que está habituado. (*Idem, ibidem*).

Essa perspectiva de Zilberman dialoga de maneira clara com as ideias de Roland Barthes, segundo o qual a prática de ensinar literatura deve desenvolver-se com base em uma pedagogia dos efeitos, a partir da qual “[...] há que sensibilizar os alunos sobre a produção e a recepção dos efeitos.” (Barthes, 2004, p.341). O ensino de literatura transforma-se, com isso, em uma arte muito peculiar de domínio da linguagem literária e de outros conhecimentos, inclusive pedagógicos.

Segundo essa perspectiva, o trabalho do professor de literatura deve apoiar-se em um instrumental teórico-metodológico estratégico para despertar no aluno o interesse pela leitura e escrita literária, porém não a partir da ideia de trabalho, mas de criação e imaginação, de modo a transformar-se em aluno-leitor-escritor de literatura.

Essa ideia parte da noção de ‘liberdade orientada’ e do princípio de que “[...] a junção prazer/trabalho não se pode fazer senão ao termo de uma elaboração muito paciente.” (*Idem*, p.340). Dessa maneira, o aluno será estimulado a gerir o seu desejo e sua própria criação, de modo que o efeito proporcionado no aluno será “[...] o desejo de seduzir, de comunicar, de ser amado.” (*Idem*, p. 341), a partir de sua experiência de gerir o poder simbólico que lhe é conferido por meio de sua criação literária, uma vez que a literatura, de forma geral, é uma forma de poder simbólico presente na sociedade.

Seguindo uma orientação semelhante, a BNCC propõe atividades que estimulam os estudantes a se tornarem autores-criadores de textos dos mais variados gêneros. Uma dessas atividades busca incentivar o aluno a

Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes

etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário. (Brasil, 2018, p. 516).

A intenção de desenvolver o protagonismo do aluno por meio de atividades de criação autoral manifesta-se em vários pontos da BNCC. Quando se trata de criação de natureza literária pelos estudantes, o que se percebe, contudo, é a falta de um embasamento teórico-metodológico que oriente o trabalho do professor de literatura.

Tendo isso em vista, é possível partir das considerações de Rildo Cosson para refletir sobre o desenvolvimento efetivo das propostas apresentadas pela BNCC, na perspectiva do letramento literário, uma vez que,

[...] o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário. Nessa perspectiva, é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. [...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Nesse caso, é importante ressaltar que tanto a seleção das obras quanto as práticas de sala de aula devem acompanhar esse movimento (Cosson, 2018, p. 47-8).

Para ocorrer o “movimento contínuo de leitura” a que se refere Cosson, sabemos que o papel do professor de literatura é imprescindível, pois se trata do profissional da educação que exerce uma atividade de formação humana a partir do processo de construção de saberes e opiniões de forma única, como nenhuma outra profissão o faz.

Em relação a como o ensino de literatura é proposto na BNCC, é possível observar de início sua vinculação direta com uma determinada “logia”, no sentido de um certo campo de estudo. Essa vinculação ocorre com a disciplina de Língua Portuguesa, criando uma relação de dependência do estudo do fenômeno literário à disciplina que estuda as

várias possibilidades de manifestação da linguagem. Assim, ocorre um nivelamento entre a linguagem literária e outras linguagens, dentro de um sistema de signos linguísticos em comum, isto é, a Língua Portuguesa.

A propósito, no caso da disciplina de Língua Portuguesa, é importante destacar que a proposta de trabalho apresentada pela BNCC é organizada a partir de alguns campos de atuação social. Com isso, segundo esse documento, a área de Linguagens e suas Tecnologias, na qual se insere essa disciplina,

propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos (Brasil, 2018, p. 477, grifos nossos).

Tais práticas de linguagem são demarcadas pela BNCC a partir de suas ocorrências em cinco campos de atuação diferentes entre si, cada qual com suas especificidades, tendo como elemento em comum a língua em suas diversas possibilidades de uso. Esses campos dividem-se em: campo da vida pessoal, campo artístico-literário, campo das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.

Situada de forma pertinente no campo artístico-literário, a literatura é compreendida como expressão artística, dentre outras manifestações de arte, cada uma com sua matéria-prima de criação estética. Em contexto escolar, a arte literária transforma-se em objeto de ensino e aprendizagem, porém descentralizado na BNCC, uma vez que seu lugar não é definido dentro do conjunto de disciplinas que compõem a grade curricular, cada qual com seus conteúdos específicos e propostas metodológicas de trabalho em sala de aula.

Com relação à literatura, a BNCC apresenta como proposta de trabalho didático-pedagógico, tendo em vista o campo artístico-literário, que, por sua vez, se insere na disciplina de Língua Portuguesa,

[...] a leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores, de forma linear, crescente ou decrescente, desde que a leitura efetiva de obras selecionadas não seja prejudicada (Brasil, 2018, p. 514).

A falta de um direcionamento estratégico na BNCC sobre como proporcionar a chamada “leitura efetiva de obras selecionadas” pode até parecer uma proposta flexível para a escolha da melhor estratégia de trabalho com a literatura pelas escolas e pelos professores. No entanto, essa ausência de proposta de ensino sem um embasamento teórico-metodológico definido para desenvolver a leitura literária em ambiente escolar equaliza a leitura literária à leitura de textos de outras naturezas.

Tendo isso em vista, ler literatura torna-se sinônimo de prática de leitura de um texto como qualquer outro, mesmo quando o esforço da BNCC volta-se para centralizar e valorizar a leitura literária no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, como mostra o seguinte excerto,

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (Brasil, 2018, p. 491).

No trecho acima, é possível destacar certa contradição intrínseca, já que a BNCC aponta para a necessidade de considerar o texto literário como “ponto de partida para o trabalho com a literatura”, porém se exime de oferecer uma perspectiva metodológica para esse trabalho específico. Além disso, como já demonstrado anteriormente, o documento descentraliza a literatura e a insere em um campo de atuação social que integra a disciplina Língua Portuguesa, a qual, por sua vez, possui suas especificidades e conteúdos mais bem definidos pelo documento.

Uma possibilidade de desenvolver a capacidade de ler textos literários que poderia ser apresentada pela BNCC para o ensino de literatura seria considerar a perspectiva do letramento literário, já que o próprio documento faz referência constante e até enfática aos “novos letramentos”, “multiletramentos” e “letramento matemático”².

No entanto, o documento nada menciona sobre letramento literário, que, para os fins deste artigo, pode ser definido como um modo de o leitor se apropriar da literatura para a construção de sentidos, porém se trata de uma “[...] apropriação que não é apenas de um texto, qualquer que seja a sua configuração, mas sim de um modo singular de construir sentidos: o literário” (Cosson, 2014, p. 25).

Referência no Brasil na área de estudos sobre teoria e prática de ensino de literatura na perspectiva do letramento literário, Rildo Cosson afirma não ser possível,

² Importante destacar o que significa, na BNCC, a proposta de letramento matemático, a fim de estabelecer certo contraste com a ausência de uma proposta de letramento literário para o trabalho pedagógico, estratégico e propositivo a partir do contato dos estudantes com o fenômeno literário. “Na BNCC, o letramento matemático está assim definido: competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas. O letramento deve também assegurar que todos os estudantes reconheçam que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para compreender e atuar no mundo e para que também percebam o caráter de jogo intelectual da Matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e que pode também ser prazeroso (fruição)” (Brasil, 2018, p. 522).

[...] aceitar que a simples atividade da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário (Cosson, 2018, p. 26).

Desse modo, a prática da leitura literária em ambiente escolar deve proporcionar fruição e (auto)conhecimento, além da interação com um tipo de linguagem artística, cujas especificidades podem ser exploradas em aula por meio, por exemplo, da prática de letramento literário. Assim, o trabalho em contexto escolar com base em atividades de leitura literária deve necessariamente partir de um embasamento teórico-metodológico.

Tendo isso em vista, como propõe Cosson,

[...] a orientação fundamental é que o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas do processo de leitura e, por outro, o saber literário. No caso desse último, convém ter em mente a distinção feita por M.A.K. Halliday em relação à aprendizagem da linguagem, ou seja, a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários. (Cosson, 2018, p. 47, grifos nossos).

A partir do excerto acima, conclui-se que, na BNCC, a ausência de um “espaço” definido para o ensino de literatura em contexto escolar inviabiliza a prática de letramento literário, o que parece justificar a falta de uma proposta de ensino de literatura nessa perspectiva de trabalho com o texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o esforço nas primeiras décadas do século XXI tem sido no sentido de acompanhar as transformações sociais ocorridas sobretudo devido ao uso cada vez mais frequente de recursos tecnológicos digitais em contextos escolares. Com a possibilidade de interagir, ler, ensinar e aprender por meio da internet, potencializada entre 2020 e 2021 devido às medidas de distanciamento físico causadas pela pandemia de Covid-19, práticas de leitura de textos literários foram ressignificadas por uma proposta mais dinâmica própria do mundo virtual.

Como procuramos demonstrar, o ensino de literatura é sempre um grande desafio, sobretudo quando seu espaço no currículo escolar é impreciso. O desafio existe porque ensinar literatura significa proporcionar experiências de leitura de mundo por meio de uma linguagem artística com suas especificidades e uma natureza complexa para ser definida de modo simples e objetivo.

Assim, trata-se de uma forma de conhecimento sempre aberta a diálogos com outras áreas, que possui uma linguagem própria, diferente de outras linguagens do cotidiano, o que a distancia, de certa forma, de uma *práxis* comunicativa diária mais fácil de ser compreendida.

Em um mundo marcado pela preeminência do digital, com fluxo contínuo e ininterrupto de informações, a literatura parece perder não sua razão de ser, mas sua razão de estar, pois estar em um mundo em que a ciência, a técnica e a dinâmica de interação social por meio das redes aumentam a cada dia, enquanto o espaço para o literário diminui cada vez mais, é o que provoca reflexões da ordem “Literatura pra quê?”, para lembrar o título de um livro de Antoine Compagnon.

De certo modo, a BNCC se esforça para ressignificar a noção de função da literatura, mas a coloca em um lugar fronteiro, sem propor que suas especificidades

enquanto expressão artística da linguagem verbal sejam exploradas, pois a considera algo a partir do qual os professores poderão trabalhar os mais diversos conteúdos, exceto a singularidade da linguagem literária, de modo mais concentrado e aprofundado.

Por esses e vários outros motivos, o ensino de literatura deve necessariamente ter uma base teórico-metodológica, como no caso da proposta de letramento literário, que poderia estar presente na BNCC para orientar melhor o trabalho do professor com a literatura em contexto escolar e para contemplar, de forma coerente, a proposta do próprio documento de desenvolver a competência leitora por meio de práticas de letramento e multiletramentos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *A formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 70-82.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. In. *Via Atlântica: Revista do Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo*. v. 1, n. 1, n. 14, 2008, p. 11-22.



HORIZONTES

Revista de Educação



FAED
Faculdade de
Educação

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados